

*artigos*

DANIEL BOUCINHA / ESPECIAL / CP



O cantor Ney Matogrosso em ação no espetáculo 'Bloco na Rua', realizado no dia 30 de abril, no Auditório Araújo Vianna, em Porto Alegre

# UM REBELDE PRA CHAMAR DE SEU



**André Cauduro D'Angelo.** Professor da Escola de Comunicação, Artes & Design (Famecos) da PUCRS.

**O** New Kids on the Block foi uma das várias boy bands dos anos 1990 que, depois de um período fora dos holofotes, voltou a se reunir para turnês de revival. Em um de seus shows disponíveis no YouTube, os integrantes, agora cinquentões, repetem as coreografias dos áureos tempos – entre as quais uma em que seguram firme a virilha, naquele gesto consagrado por Michael Jackson,

provocando gritinhos histéricos da plateia quarentona. Ao escutá-los, um dos agora old kids não contém o sorriso de quem percebe um certo ridículo na situação: um bando de pais e mães de família se comportando como adolescentes.

A imagem me veio à mente depois de assistir ao show de Ney Matogrosso em 30 de abril, no Auditório Araújo Vianna, em Porto Alegre. Sucesso absoluto de público, a ponto de um repe-

teco já estar agendado para daqui um ano, a apresentação em muitos momentos lembra uma performance cult de idolatria teenage: Ney salta, rebola, se contorce, encara os espectadores languidamente e abre o zíper de seu macacão lantejoulado, mostrando o peito cabeludo - e a galera, às vésperas da terceira idade, delira.

É inevitável pensar que Ney virou um cover de si mesmo, uma paródia do ícone contracultural dos anos 1970 e 80. O figurino, o gestual e a reação que provocam tem um quê de déjà vu; formam um conjunto de maneirismos previsíveis bem embalado musical e cenograficamente. Se seus espetáculos do início de carreira tinham gosto de transgressão, hoje não representam mais do que molecagens, tais quais as dos New Kids e de suas fãs.

Em boa parte de sua trajetória, sob regime militar e/ou costumes severos, Ney surpreendia por ser androgino, ostensivo, extravagante – e, claro, por evocar uma sexualidade até ali inclassificável. Hoje, com mais de 20 orientações sexuais e identidades de gênero catalogadas, é alvo de admiração por fazer em cima do palco o mesmo que fazia cinco décadas atrás – com

“

Em suas memórias ('Vira-lata de raça', Tordesilhas Livros, 2018), Ney lembra que os Secos & Molhados, banda na qual começou a carreira e lançou sua mise-en-scène característica, agradava muito às crianças, que não viam malícia nas exibições do grupo, apenas diversão.

corpo em forma e voz preservada, aos oitenta e tantos anos. Assombrosos são seu shape e seu fôlego, não sua coragem. Mais geração saúde e antienvelhecimento, impossível.

Fala-se muito que a sina de todo rebelde é virar um conservador. Pouco se lembra que a pretensa contestação repetida ad infinitum se torna um autocmplacente cultivo de cacochetes, e é um jeito de encarecer também. Ter um estilo ou uma marca pessoal poupa o artista de novos riscos e satisfaz a uma audiência já cativada.

Em suas memórias ("Vira-lata de raça", Tordesilhas Livros, 2018), Ney lembra que os Secos & Molhados, banda na qual começou a carreira e lançou sua mise-en-scène característica, agradava muito às crianças, que não viam malícia nas exibições do grupo, apenas diversão. Com a turnê de "Bloco na Rua", ele parece voltar ao início; as crianças daquele tempo são os adultos atuais, e ninguém sai do teatro verdadeiramente provocado, desafiado. É tudo somente entretenimento, um tributo às avessas aos primórdios de sua vitoriosa trilha profissional: o vanguardista em cima do palco já não existe mais, mas o público finge que sim.